

## DESVENDANDO RELAÇÕES: REDES, ATORES E MALHAS

*Leonardo Francisco de Azevedo<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Compreender a experiência humana para além da dicotomia agência-estrutura é um desafio encarado por diferentes teorias e escolas antropológicas. Nesse trabalho apresentaremos três diferentes teorias que buscaram superar a explicação estruturalista do mundo: os estudos de redes sociais, propostos pela antropologia britânica na segunda metade do século XX – nomeadamente a “Escola de Manchester”, como forma de superar o estrutural-funcionalismo; a Teoria ator-rede proposta pelo francês Bruno Latour, como forma de superar a “sociologia do social”; e a noção de malha, elaborada por Tim Ingold na construção de uma “antropologia da vida”. Todas as três perspectivas, de alguma maneira, recorrem ao conceito de “rede”. Entretanto, tal presença tem sentidos radicalmente diferentes em cada uma delas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Malha. Redes sociais. Teoria ator-rede.

## UNRAVELING RELATIONSHIPS: NETWORKS, ACTORS AND MESHWORK

**ABSTRACT:** Understanding the human experience beyond the agency-structure dichotomy is a challenge faced by different theories and anthropological schools. In this article we present three different theories that sought to overcome the structuralist explanation of the world: the studies of social networks, proposed by British anthropology in the second half of the twentieth century - namely the “Manchester School”, as a way of

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Contato: leonardoazevedo@gmail.com

overcoming structural-functionalism; the actor-network theory proposed by the French Bruno Latour, as a way of overcoming the “sociology of the social”; and the notion of meshwork, elaborated by Tim Ingold in the construction of an “anthropology of life”. All three perspectives, somehow, have the concept of “network” present. However, such a presence has radically different meanings in each of them.

**KEYWORDS:** Meshwork. Social networks. Actor-network theory.

## DESENTRAÑAR RELACIONES: REDES, ACTORES Y MALLAS

**RESUMEN:** Comprender la experiencia humana más allá de la dicotomía entre la agencia y la estructura es un desafío que enfrentan diferentes teorías y escuelas antropológicas. En este artículo presentaremos tres teorías diferentes que buscaron superar la explicación estructuralista del mundo: los estudios de redes sociales, propuestos por la antropología británica en la segunda mitad del siglo XX - a saber, la “Escuela de Manchester”, como una forma de superar el funcionalismo estructural; la teoría actor-red propuesta por el francés Bruno Latour, como una forma de superar la “sociología de lo social”; y la noción de malla, elaborada por Tim Ingold en la construcción de una “antropología de la vida”. Las tres perspectivas, de alguna manera, tienen presente el concepto de “red”. Sin embargo, dicha presencia tiene significados radicalmente diferentes en cada uno.

**PALABRAS CLAVE:** Malla. Redes sociales. Teoría actor-red.

### INTRODUÇÃO

O desafio de compreender e explicar a experiência humana é imenso, e os que se dispuseram a essa empreitada formularam diferentes arcabouços teórico-metodológicos. Há, entretanto, uma falta de consenso sobre a melhor perspectiva de compreender os sujeitos. Se numa dimensão mais ampla há a discussão sobre o que significa as ciências humanas dentro do campo mais amplo das ciências (KUHN, 1978; 2006), há dentro da própria disciplina uma disputa sobre quais teorias e conceitos conseguem explicar, da melhor maneira, a vida humana. Nessa perspectiva, teorias e conceitos são acionados de diferentes maneiras para explicar diferentes fenômenos.

Uma forte discussão nas ciências sociais é a tensão entre as dimensões micro e macro do mundo social. O debate entre os que enfatizam as dinâmicas estruturais da sociedade e os que focam nas interações cotidianas – e na articulação entre essas duas dimensões – é extenso e com diferentes possibilidades analíticas. Como forma de contribuir com este longo debate, apresentaremos no presente trabalho como o conceito de “rede” – largamente utilizado – é acionado em diferentes teorias. Como afirma Deleuze & Guatarri (1992), um conceito é um agenciador, que produz acontecimentos e seu refinamento é permanente. Logo, o conceito de rede, hoje usado de forma generalizada, tem usos e sentidos distintos.

Para essa discussão, recorreremos a três diferentes perspectivas teóricas que acionam o conceito de rede de formas muito distintas. Iniciaremos com a noção de “rede social”, proposta por antropólogos britânicos na segunda metade do século XX – nomeadamente a “Escola de Manchester”, chefiada por Max Gluckman, cujas etnografias realizadas no continente africano tiveram um relevante papel para oxigenar o debate teórico-metodológico da disciplina à época. Se os ingleses, até então, buscavam as regularidades e funções da ação humana através de estruturas sociais, pautados sobretudo pelo estrutural-funcionalismo de Radcliffe-Brown, esses antropólogos vão buscar nas dinâmicas da interação entre os atores as explicações para o funcionamento da sociedade e de suas mudanças.

A segunda perspectiva apresentada será com o debate proposto pela Teoria-ator-rede – ou Actor-network Theory (ANT). Essa teoria ganha corpo dentro das ciências sociais principalmente a partir dos anos 90, formulada por estudiosos da ciência e tecnologia, tendo em Bruno Latour seu principal representante. Longe de pensar as redes sociais apenas como laços estabelecidos entre sujeitos, Latour aponta a necessidade de pensarmos a produção do social de forma relacional e constante, através de associações e controvérsias.

Por fim, apresentaremos o debate de “malha” proposto por Tim Ingold. Diferente da noção de ator-rede, Ingold afirma que a produção da vida vai muito além do contato entre diferentes atores, mas é produzida nas relações e deslocamentos, através da formação de malhas. Para ele,

a vida não é uma rede de pontos conectados, mas uma malha de linhas entrelaçadas.

A partir dessas três diferentes perspectivas teóricas será possível observar como um mesmo conceito – “rede” – pode ser acionado de diferentes maneiras: no uso analítico; no uso metodológico; e na sua negação.

## REDES SOCIAIS

Na famosa introdução de *Social Networks in Urban Situations*, Mitchell (1969) afirma que o esgotamento das possibilidades analíticas do estrutural-funcionalismo gerou uma popularização do uso do conceito de “redes sociais”. Enquanto Radcliffe-Brown usava o conceito de redes apenas de forma metafórica, Mitchell defende o uso deste conceito de forma analítica. Para este autor, era preciso identificar as características das redes e defini-las em termos de uma teoria geral.

O uso analítico do conceito de redes sociais (*networks*, em inglês) surge com vigor no campo intelectual britânico, nomeadamente na Escola de Manchester e no Rhodes Livingstone Institute,<sup>2</sup> sendo usado de forma sistemática, em seu início, no estudo de John Barnes em uma aldeia de pescadores na Noruega (cf. BARNES, 1990). O uso deste conceito ganha força com antropólogos buscando estudar as chamadas “sociedades complexas”,<sup>3</sup> com mudanças e conflitos sociais expressivos, além da permanente mobilidade de indivíduos, situação bem diferente da experiência em uma vida tribal. Estes pesquisadores atuaram particularmente na região do Copperbelt, na então Rodésia do Norte (atual

---

<sup>2</sup> Os antropólogos dessa escola foram responsáveis por uma mudança substantiva na reflexão antropológica britânica à época. Enquanto Radcliffe-Brown e seus seguidores (como M. Fortes e Evans-Pritchard) estavam interessados em compreender “como a sociedade se mantém?”, os manchesterianos reformularam a pergunta para “como a sociedade se transforma?”, adotando uma análise processual, focada na “teoria da ação” (cf. FELDMAN-BIANCO, 2010, p. 35).

<sup>3</sup> O uso do conceito de “sociedades complexas” não é consenso na teoria antropológica. Há quem aponte um posicionamento etnocêntrico em distinguir sociedades não-ocidentais ou rurais como “simples”, em detrimento de sociedades urbanas ou Estados nacionais. Feldman-Bianco (2010, p.26), por exemplo, opta pelo uso de “sociedades contemporâneas”.

Zâmbia), que passava pelo desenvolvimento acelerado de novas cidades, com a emergência de um novo tipo de sociedade, estratificada, composta por uma elite dominante europeia, uma classe média em formação e uma classe trabalhadora composta por negros africanos de diferentes etnias. Como em Chicago no início do século XX, estava se tornando uma área de grande tensão social. Tais pesquisadores lançaram mão de *networks* como instrumento analítico, com vistas a apreender a realidade dos indivíduos que, para além das diferenças de classe, tinham maior espaço de atuação, com margem de manobra, fugindo de explicações deterministas (DUTRA, 2007). Em uma síntese,

A noção de rede social está sendo desenvolvida na Antropologia Social tendo em vista a análise e a descrição dos processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias. As conexões interpessoais que surgem a partir da afiliação a um grupo fazem parte da rede social total tanto quanto as que vinculam pessoas de grupos diferentes. Por isso, uma análise da ação em termos de uma rede deve revelar, entre outras coisas, limites e a estrutura interna dos grupos. Embora existam outras maneiras de se descobrirem grupos sociais, o conceito de rede é indispensável na discussão referente à situações em que, por exemplo, o indivíduo está envolvido em 'relações interpessoais que transpassem as fronteiras da vila, subcasta e linhagem'. (SCHRIVAS; BÉTEILLE, 1964, p.166 *apud* BARNES, 2010, p. 175-176).

Max Gluckman (2010), em seu já clássico estudo sobre a sociedade zululandesa, serviu de inspiração para essa perspectiva em emergência, pois passou a considerar a dinâmica das relações sociais através de mudanças e transitoriedades, num olhar mais complexo para sociedades africanas em processo de modernização, a partir do colonialismo. Enquanto a abordagem estrutural-funcionalista era tradicionalmente utilizada para explicar sociedades de pequena escala, com certa estabilidade, o uso de *networks* complementou a análise antropológica. Gluckman contribuiu

nesse processo ao colocar em evidência a ambiguidade dos papéis sociais, a multiplicidade de situações e escolhas, dentro de um repertório específico.

Mitchell (1969) define *networks* como um conjunto específico de vínculos entre um grupo definido de pessoas. Para o autor, as características destes vínculos devem ser utilizadas para interpretar o comportamento social destas pessoas. As redes sociais seriam definidas como redes com valores, com diferentes elos em cada direção. Ao analisar essas redes, o foco não são os atributos pessoais, mas a natureza desses vínculos, sendo as condutas individuais explicadas a partir das características de suas ligações.

As características morfológicas das redes sociais referem-se às relações ou padronizações dos links em uma *network*. “Essas características são a ‘ancoragem’, ‘densidade’, ‘acessibilidade’ e ‘alcance’. Já os critérios interacionistas, por outro lado, refere-se à natureza dos *links* por eles mesmos, sendo eles o ‘conteúdo’, ‘direção’, ‘durabilidade’, ‘intensidade’ e ‘frequência’ das interações desses *links*” (MITCHEL, 1969, p. 12, tradução nossa). Assim,

Estabelecendo-se uma relação entre tipos de vínculos e comportamento, estes estudos requerem uma meticulosa descrição do processo da interação social. Os vínculos podem se diferenciar tanto morfológicamente, quanto por seu conteúdo, podendo atuar como canais de transmissão de informações, julgamentos e opiniões; muitas vezes têm conteúdo normativo. Outra questão que se destaca é o significado que as pessoas atribuem a estes vínculos, seu propósito e os interesses nele envolvidos, revelando-nos a realidade social como um mundo de relações muitas vezes intencionais, um ambiente de negociação de diferentes interesses (DUTRA, 2007, p. 224-5).

Para que se use *networks* como instrumento analítico, é necessário que se delimite o universo pesquisado, para que fique claro não apenas o repertório de vínculos de cada indivíduo, mas como a composição de suas redes são efetivadas, considerando que cada rede de cada sujeito é única.

Estes autores utilizavam, junto ao conceito de redes, o de papéis sociais, definidos a partir das expectativas de desempenho. Nesta concepção, há uma diferença marcante entre sociedades simples, na qual os papéis sociais são sobrepostos, e as sociedades complexas, nas quais há uma difusão de papéis, considerando a menor integração social e institucional (DUTRA, 2007).

Tal conceito também foi utilizado por Both (1976) em seu estudo sobre família. A autora em questão propõe um conceito mais flexível de família, em que os relacionamentos são estabelecidos por rede e não por um grupo organizado. Se em um grupo os indivíduos formam um todo social mais amplo, com papéis interdependentes e objetivos comuns, na rede somente alguns indivíduos têm relações uns com os outros, pois os vínculos estabelecidos são diferenciados, havendo diferentes “conexidades”. Nas palavras da autora, “em uma rede, podemos obter uma configuração geral da sua estrutura a partir de um pequeno número de informantes, mas não podemos descobrir o conteúdo exato das relações e das atividades de todos os membros” (BOTH, 1976, p.67).

Both afirma ainda que tais vínculos se alocam de diferentes formas num *continuum* entre “rede de malha estreita” e a “rede de malha frouxa”, que reflete na variação do desempenho de papéis conjugais. Na “rede de malha estreita”, por exemplo, existem relações intensas entre as unidades componentes, com a presença próxima de parentes dos cônjuges ou amigos de longa data. Já nas “redes de malha frouxa”, as relações se dispersam em intensidade, tornando-se muitas vezes casuais, esporádicas. Nessas redes os parentes e vizinhos não ocupam papel determinante, havendo uma composição diversa (BOTH, 1976).

Esse uso do conceito de “rede” foi importante para oxigenar a antropologia, sobretudo a britânica, na segunda metade do século XX. Entretanto, não houve qualquer intenção, por parte destes pesquisadores, em questionar as dicotomias sujeito-objeto ou natureza-cultura. Já nos usos contemporâneos do conceito de rede, que apresentaremos a seguir, essas questões compõem o eixo central de toda a reflexão proposta.

## TEORIA ATOR-REDE

Bruno Latour, intelectual francês com reconhecida trajetória interdisciplinar, tornou-se um dos principais vocalizadores contemporâneos de uma teoria social que pretende extrapolar a clássica dicotomia ação *versus* estrutura. Para propor essa mudança de perspectiva dentro das ciências sociais, busca inspiração no sociólogo francês Gabriel Tarde, contemporâneo de Durkheim, cuja teoria acabou sendo preterida à época, mas recuperada posteriormente. Para Tarde, por exemplo, todas as coisas são sociais, inclusive a “natureza” – diferente da teoria funcionalista de Durkheim e dos “fatos sociais” tratados como coisas.

Tarde recorreu ao conceito de “mônadas”, originalmente elaborado por Leibniz, que significa partículas elementares (átomos, células etc.). Tais partículas são diferentes entre elas e diferenciantes, sendo que, para o filósofo, Deus coordenava todas elas, constituindo um todo harmônico. Nessa perspectiva, não há uma harmonia no todo – como propunha Durkheim, mas que cada mônada tem sua potência e ação, sendo que a agência é espalhada entre as mônadas e suas partes (LATOUR, 2002). Usar o conceito de mônadas para compreender a realidade é, para Tarde, uma forma de constituir um ponto de vista sociológico universal. Segundo este autor, o foco do estudo da sociologia deveria ser as relações infinitesimais de repetição e diferenciação e não um apelo vago ao meio social, taxa social, estado coletivo e outras “entidades nebulosas” que faziam uma certa ontologia da ciência social então nascente. Para Tarde, portanto, a separação do social do individual, como propunha Durkheim, nada mais era do que uma “alucinação” (VARGAS *et.al.*, 2015, p.45).

Tarde é um autor estratégico para a teoria proposta por Latour, pois a partir dele é possível substituir a ideia do social (substantivo) para a ideia de associação (verbo). De acordo com Latour, o social não é a base das explicações da sociologia, mas é justamente o que precisa ser explicado. Nessa perspectiva, a divisão natureza e cultura é irrelevante, e micro e macro é ininteligível, pois estão no mesmo plano ontológico. Trata-se de duas bases do pensamento de Durkheim – que acreditava na transcendência do social – que foram contrapostas por Tarde e retomadas



por Latour. Assim, na perspectiva de Latour (2002), as regularidades do mundo são produzidas, parciais e efêmeras e, como o mundo está todo interligado, não faz sentido a sociologia se singularizar enquanto disciplina.

Tal concepção é fundamental para a Teoria ator-rede – ou Actor-network Theory (ANT) – proposta por Latour,<sup>4</sup> uma vez que ele argumenta que tudo no mundo é relacional, e o social tem que ser entendido como associação, não como uma entidade dada. Dessa maneira, este autor contrapõe sua sociologia – uma sociologia da associação – à sociologia vigente – “sociologia do social”. Temos, assim, que o social não é dado como coisa, mas como um tipo de conexão, sendo que “os laços sociais têm de ser traçados pela circulação de diferentes veículos não intercambiáveis” (LATOUR, 2012, p.61). Em outros termos, o autor propõe que a sociologia se alimente de controvérsias, e não da divisão do social em domínios.

Para levar adiante essa proposta, Latour compõe uma lista com cinco diferentes incertezas que compõem o universo e que devem ser levadas em consideração pela sociologia da associação: a natureza dos grupos, em que há várias formas contraditórias de se atribuir identidade aos autores; a natureza das ações, em que em cada curso da ação há uma variedade de agentes que se envolvem e se deslocam dos objetivos iniciais; a natureza dos objetos, em que o tipo de agências que participam das interações permanece em aberto; a natureza dos fatos, em que os vínculos das ciências naturais com o resto do mundo são permeados por controvérsias; e, por fim, o tipo de estudo que a própria ciência do social realiza (LATOUR, 2012, p. 42).

Para Latour, o papel da sociologia é rastrear as conexões entre essas próprias controvérsias, e não tentar decidir como resolvê-las. Nessa perspectiva, a ação não está apenas no indivíduo, mas sim distribuída, e o papel do sociólogo é acompanhar tais controvérsias, trabalhando com os problemas dos nativos - e não dos pesquisadores. Na ANT, os não-humanos também são levados a sério, tirando-os apenas da ideia de

---

<sup>4</sup> Apesar de ser o autor aqui utilizado, Latour não é a única referência na elaboração e uso da Teoria ator-rede. John Law, por exemplo, possui relevantes contribuições sobre esse debate (cf. LAW 2008; 2019).

representação presentes nas outras teorias. Isso porque, na Teoria ator-rede, tudo que existe no mundo tem ação e tudo é produzido em termos de relação. Nessa teoria, a noção de redes é entendida como agentes que se interferem mutuamente, e não seres isolados que se ligam, de formas sobrepostas. Nas palavras do autor,

O processo é impossível de seguir se considerarmos que atores sociais simplesmente pressionam ou inscrevem suas vontades em coisas passivas inertes - ou se decidimos ver tecnologias autônomas pressionando seu destino e falta de direção sobre vontades humanas mais brandas. Atores não-humanos devem ser aceitos como tais, ou seja, atores dotados de tanta complexidade, má vontade e independência quanto os humanos. Mas mesmo a simetria não é suficiente. Também precisamos abandonar a ideia de que atores humanos fixos ou atores não-humanos fixos podem ser simplesmente retirados da prateleira e inseridos no processo. O processo se torna responsável se seguirmos translação de competências humanas e não-humanas, em vez de seguir apenas os deslocamentos de metas, intenções e propósitos dos atores humanos (LATOURE, 1993, p.388-389, tradução nossa).

O conceito de rede aparece com maior evidência na teoria de Latour na quinta fonte de incerteza, que se refere ao tipo de estudo da ciência do social, ou, em seus termos, a escrita de “relatos de risco”. Para ele, o termo rede é permeado de ambiguidades, que já deveriam ter sido descartadas. Entretanto, o autor afirma que a tradição do conceito que ele utiliza é diferente de outras duas recorrentes: a rede técnica – eletricidade, trens, Internet etc.; e a rede utilizada na chamada “sociologia da organização”, acionada para introduzir diferença entre empresas, mercados, países. Ou seja, rede aqui seria uma maneira informal de associar agentes humanos (LATOURE, 2012, p.190). Em uma síntese:

A rede não designa um objeto exterior com a forma aproximada de pontos interconectados, como um telefone,

uma rodovia ou uma ‘rede’ de esgoto. Ela nada mais é que um indicador da qualidade de um texto sobre os tópicos à mão. Restringe sua objetividade, isto é, a capacidade de cada ator para induzir outros atores a fazer coisas inesperadas. O bom texto tece redes de atores quando permite ao escritor estabelecer uma série de relações definidas como outras tantas translações (LATOURET, 2012, p. 189).

Apesar de contraditória e ambígua, a noção de rede é eficaz para designar os fluxos de translações.<sup>5</sup> Para sustentar tal afirmativa, Latour apresenta três aspectos importantes do conceito: uma conexão ponto a ponto se estabelece, fisicamente rastreável e, portanto, pronta para ser registrada empiricamente; essa conexão deixa vazia boa parte daquilo que não está conectado; essa conexão não é gratuita, exige esforço. Ele inclui um quarto aspecto do conceito, somando a esses três já consolidados: a rede não é feita de fios de nylon, palavras ou substâncias duráveis; ela é o traço deixado por um agente em movimento. Ou seja, um ator-rede será sempre traçado por outros veículos, outras entidades circulantes. Em suas palavras, não é possível estendê-la para secar, como se faz com as redes de pesca (LATOURET, 2012, p. 193-194). As redes, portanto, seriam traços em constante formação: nunca assume uma configuração definitiva.

Diante disso, vemos que a questão da rede é central para Latour desde uma perspectiva metodológica. Ele considera um bom relato aquele que tece uma rede, entendendo isso como uma série de ações que considera cada participante como um mediador<sup>6</sup> completo. Ou seja, “um

---

<sup>5</sup> “To translate is to make two words equivalent. But since no two words *are* equivalent, translation also implies betrayal: *traduction, trahison*. So translation is both about making equivalent, and about shifting. It is about moving terms around, about linking and changing them” (LAW, 2008, p.144).

<sup>6</sup> “Um intermediário, em meu léxico, é aquilo que transporta significado ou força sem transformá-los: definir o que entra já define o que sai. Para todos os propósitos práticos, um intermediário pode ser considerado não apenas uma caixa preta, mas uma caixa-preta que funciona como uma unidade, embora internamente seja feita de várias partes. Os mediadores, por seu turno, não podem ser contados como apenas um, eles podem valer por um, por nenhuma, por várias ou uma infinidade. O que entra neles nunca define exatamente o que sai; sua especificidade precisa ser levada em conta todas as vezes. Os mediadores transformam,

bom relato ANT é uma narrativa, uma descrição ou uma proposição na qual todos os atores fazem alguma coisa e não ficam apenas observando” (LATOUR, 2012, p. 189).

Nesse sentido, Latour desloca a noção de rede das relações sociais propriamente ditas, em que deveria estar sendo descrita, como propunha os antropólogos da Escola de Manchester, e a recoloca no papel da produção textual, em que ajuda o sociólogo a escrever algo, capaz de avaliar a energia, movimento e especificidade dos nossos próprios relatos. Assim, a rede não está representada no texto, mas ela prepara o texto para substituir os atores como mediadores. Isto é: na teoria ANT, a rede é um método, não um objeto (LATOUR, 2012).

Se o social circula e é visível apenas quando brilha através das concatenações de mediadores, isso é o que tem de ser reproduzido, cultivado, deduzido e comunicado por meio de nossos relatos textuais. A tarefa consiste em desdobrar os atores como redes de mediações – daí o hífen na palavra composta ‘ator-rede’ (LATOUR, 2012, p. 198).

Vale mencionar ainda que na Teoria ator-rede, Latour cria etapas para seu desenvolvimento. A primeira consiste em desdobrar controvérsias para aferir o número de novos participantes num futuro agregado; a segunda se refere a acompanhar o modo como os próprios atores estabilizam aquelas incertezas, elaborando formatos, padrões e metodologias; e, por fim, é preciso descobrir como os grupos assim reunidos podem renovar nosso senso de existência no mesmo coletivo (LATOUR, 2012, p. 355). Dessa maneira, a noção de rede é uma importante ferramenta para a realização e efetividade dessa teoria, estando claro que seu uso tem um sentido radicalmente diferente do que propunha os manchesterianos, como também do que propõe Tim Ingold, que rechaça veementemente seu uso, como veremos em seguida.

---

traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (LATOUR, 2012, p. 65).

## **MALHA**

O antropólogo britânico Tim Ingold ganhou destaque, no último período, por ter um papel central na “virada ontológica” da antropologia, momento em que se realiza uma contundente crítica à separação do mundo em natureza e cultura. Nessa perspectiva, há vários mundos distintos, e não várias visões de mundo. Para Ingold, a antropologia é o estudo da vida, que se define por fluxos que precisam ser estabilizados. Logo, não é possível nenhum tipo de representação, mas apenas estabilização da forma. Nesse sentido, o processo de conhecimento é o reconhecimento do mundo, que acontece através do movimento, pois, ao se movimentar, as mudanças são percebidas. Assim, este autor tensiona a divisão clássica das ciências naturais ente natureza e cultura, e a divisão antropológica entre os saberes êmicos – “pensamento local” – e os saberes éticos – “pensamento e interpretação do etnógrafo” –, que, no fundo representam a divisão entre modernidade e tradição. Para pensar em outros paradigmas, livre desses binarismos, Ingold propõe a noção de “ecologia da vida” (INGOLD, 2000).

Gregory Bateson, já nos anos 70, propunha novas perspectivas de pensar a dinâmica social para além dessas dualidades. O autor era contra a divisão mente e corpo. Para ele, era só possível pensar em dinâmicas mentais a partir do ambiente, pois a construção de ambas era relacional. A mente, portanto, era imanente em todo o sistema de relações do organismo. Entretanto, o ecossistema foi pensado em duas faces. Uma representava o campo da matéria e energia - ou seja, toda substância sem forma -, e o outro é o campo do padrão e informação - ou seja, toda forma separada da substância. Sendo assim, para Bateson, haveria duas ecologias: uma ecologia destas trocas materiais e energéticas, e outra das ideias, que ele denominou de ecologia da mente (BATESON, 2000).

Ingold reconhece a importância de Bateson ao questionar e reposicionar tais dualidades, mas critica o não questionamento da dualidade forma e substância. No argumento desenvolvido por Ingold, não há que se pensar na divisão organismo e ambiente, e, por isso, uma ecologia da mente limitaria o pensamento antropológico acerca das formas de vida

no mundo. Pensar organismo mais ambiente significa, para a ecologia convencional, apenas uma simples adição, de uma coisa à outra, sendo que cada um possui sua própria identidade, de forma independente de suas relações. Desta forma, o organismo é entendido genotipicamente, antes de sua entrada no meio ambiente – sendo o ambiente entendido como um conjunto de restrições físicas, antes da ocupação de organismos. Ingold, ao contrário, defende que este modo de pensar a ecologia é profundamente antiecológica, pois coloca organismo e ambiente como entidades mutuamente exclusivas, reunidas apenas posteriormente (INGOLD, 2000). A abordagem corretamente ecológica seria aquela que tem, como ponto de partida, o todo – organismo – em seu ambiente. Ou seja, “organismo mais ambiente” não deve ser entendido como duas coisas, mas como uma totalidade indivisível. Essa totalidade seria, portanto, um sistema de desenvolvimento, sendo que a ecologia da vida iria lidar com a dinâmica de tais sistemas. Recuperando os termos do autor, percebemos a diferença entre sua visão e a de Bateson:

Minha pergunta principal é uma da qual Bateson também se apresentou. “Que tipo de coisa é essa”, ele perguntou, que chamamos de” organismo mais ambiente “?” (Bateson 1973: 423). Mas a resposta a que cheguei é diferente. Eu não acho que precisamos de uma ecologia mental separada, distinta da ecologia dos fluxos de energia e trocas materiais. No entanto, precisamos repensar nossa compreensão da vida. E no nível mais fundamental de todos, precisamos pensar novamente sobre a relação entre forma e processo (INGOLD, 2000, p. 18-19, tradução nossa).

Pensar nessa perspectiva proposta por Ingold significa repensar toda a formulação, já cristalizada, sobre a divisão natureza e cultura e o lugar do corpo nessa classificação. Pensar em corpo e mente como coisas não desvinculadas, bem como ambiente não desvinculado dos seres vivos requer que repensem o lugar do corpo produzido nas ciências naturais e retificado nas ciências humanas. Ou seja, não há uma noção de corpo e/ou pessoa universal, lócus onde a cultura se faz. Há que se pensar o

corpo também como agente da cultura. Ou seja, não há dois corpos, onde um se inscreve a natureza (o corpo universal, geneticamente definido) e o corpo cultural (onde se inscreve as modificações corporais, os hábitos e práticas). Na perspectiva de uma ecologia da vida, a forma de ser dos seres vivos há que ser pensada para além de tais divisões, superando dicotomias que pouco conseguem explicar as formas de vida e de existência dos seres (INGOLD, 2000). Nas palavras do autor:

Assim, meu ambiente é o mundo como ele existe e assume significado em relação a mim; nesse sentido, ele surgiu e passa por desenvolvimento comigo e ao meu redor. Em segundo lugar, o ambiente nunca está completo. Se os ambientes são forjados através das atividades dos seres vivos, enquanto a vida continua, eles estão continuamente em construção. É claro que também são os próprios organismos. Assim, quando falei acima de ‘organismo mais ambiente’ como uma totalidade indivisível, eu deveria ter dito que essa totalidade não é uma entidade limitada, mas um processo em tempo real: um processo, isto é, de crescimento ou desenvolvimento. O terceiro ponto sobre a noção de meio ambiente deriva dos dois que acabei de mencionar. Isso é que não deve, de maneira alguma, ser confundido com o conceito de natureza. Pois o mundo pode existir como natureza apenas para um ser que não pertence a ele, e que pode vê-lo, à maneira do cientista desapegado, a uma distância tão segura que é fácil ser conivente com a ilusão de que não é afetado pela presença dele. Assim, a distinção entre ambiente e natureza corresponde à diferença de perspectiva entre nos vermos como seres dentro de um mundo e como seres sem ele (INGOLD, 2000, p.20, tradução nossa).

Ingold também argumenta que há um erro fundante ao se pensar a existência de seres, que ele chama da “lógica da inversão” (INGOLD, 2006). Ao invés de compreender os seres como abertos para o mundo, vivendo em constante relação e mudança, esta lógica da inversão fecha

os seres, protegendo-os de interações com os arredores. Frente a isso, ele defende o que chama de “ontologia anímica, em que a vida “não é uma emanção em um mundo pré-ordenado, mas uma geração do ser, sempre à beira do real” (INGOLD, 2000 *apud* INGOLD, 2006, p. 11-12, tradução nossa).

Frente a essa constatação, vale observar que Ingold critica a representação de qualquer organismo ou pessoa como um círculo. Pensar um organismo dessa forma significa delinear-lo, contê-lo dentro de um limite, impondo-o a um meio ambiente definido – há o aqui e o ambiente lá fora. Segundo o autor, pensar qualquer organismo como uma linha é mais produtivo, pois não há separação dentro e fora. O que há representado é um movimento, em que organismo e ambiente se compreendem mutuamente. Desta forma, em que todos os seres são linhas, fios, a vida é um tecido de trilhas, que juntos formam a textura do mundo. Logo, todos os organismos são constituídos dentro de um campo relacional. Não há pontos interligados, mas linhas entrelaçadas. É mais uma malha do que uma rede. Em seus termos:

Nesta representação, não há dentro nem fora, nem limite que separa os dois domínios. Pelo contrário, há uma trilha de movimento ou crescimento. Cada trilha desse tipo traça uma relação. Mas a relação não está entre uma coisa e outra - entre o organismo ‘aqui’ e o meio ambiente ‘lá’. É um caminho ao longo do qual a vida é vivida: um fio em um tecido de trilhas que juntas formam a textura do mundo da vida. Essa textura é o que quero dizer quando falo de organismos sendo constituídos dentro de um campo relacional. *É um campo não de pontos interconectados, mas de linhas entrelaçadas, não uma rede, mas uma malha* (INGOLD, 2006, p.13, tradução e grifo nosso).

Na concepção proposta por Ingold, os seres não simplesmente ocupam o mundo, mas habitam-no. Não há superfície ou espaços pré-definidos, tudo acontece ao longo do caminho, através dos fluxos dos diferentes organismos e fenômenos. Dessa forma, o foco é no processo,



no acontecimento e na relação dos fenômenos e dos organismos. Reconhecer o mundo dessa forma significa estar preparado não para surpresas, mas para a admiração da vida. Longe de querer controlar e prever os acontecimentos, como a ciência moderna ocidental almejou, o autor afirma ser necessário que o conhecimento precisa estar reconectado com o sendo; é preciso estar aberto para o mundo, ao invés de querer se localizar fora dele (INGOLD, 2006).

O mundo é, então, compreendido como processos de formação, através dos fluxos e transformações dos materiais, e não um produto final, definido a partir dos estados da matéria. O mundo em que habitamos não é composto por objetos, mas por coisas. Buscando uma formulação de Heidegger, Ingold diferencia “objeto” – em que se coloca diante de nós como um fato definido, acabado –, de “coisa” – que seria um “acontecer”, um lugar em que, diferente do objeto, é possível entrar (INGOLD, 2015, p. 217). Considerando aquela ideia de que cada organismo, participante do mundo, seja um fio, a “coisa” seria justamente um parlamento de fios, em que não há separação dentro e fora: “numa palavra, as coisas vazam, sempre transbordando as superfícies que se formam temporariamente em torno delas” (INGOLD, 2012, p. 29).

Nesta nova perspectiva, de um “Ambiente Sem Objetos – ASO”,<sup>7</sup> o mundo é habitado por vidas que se misturam. Longe da separação céu e terra, aqui o que há é permeabilidade e conectividade, em que as essências são partilhadas. Tal revisão também é colocada ao pensar a relação entre matéria e forma. O ASO não é um mundo material, mas um mundo de materiais, de matérias em fluxo, sempre em movimento e variação. Além disso, a vida nesta perspectiva está sempre em aberto. “Seu impulso não é alcançar um fim, mas continuar seguindo em frente” (INGOLD, 2012, p. 38).

---

<sup>7</sup> “Embora nós possamos ocupar um mundo repleto de objetos, para o ocupante os conteúdos do mundo parecem já se encontrar trancados em suas formas finais, fechados em si mesmos. É como se eles tivessem nos dado as costas. Habitar o mundo, ao contrário, é se juntar ao processo de formação. E o mundo que se abre aos habitantes é fundamentalmente um ambiente sem objetos – numa palavra, ASO” (INGOLD, 2012, p.31).

Ingold, nestas elaborações, afirma que não apenas a mente vaza – conforme Bateson afirmava –, mas as coisas de um modo geral. E tais vazamentos se fazem ao longo dos caminhos que seguimos, enquanto traçamos os fluxos de materiais do ASO. Estes seriam os elementos que comporiam uma ecologia da vida, tornando-se uma nova base de reflexão para a antropologia, na medida em que considera todos os elementos em relação e construção permanente, e não como unidades isoladas: “as coisas estão vivas, como já notei, porque elas vazam. A vida no ASO não é contida; ela é inerente às próprias circulações de materiais que continuamente dão origem à forma das coisas ainda que elas anunciem sua dissolução” (INGOLD, 2012, p.32).

Ao propor a noção de malha, o autor busca se diferenciar radicalmente da proposta de Latour ou de qualquer outro uso da noção de rede – como a elaborada, como vimos, pelos antropólogos de Manchester. Ele afirma que todos os usos feitos do conceito de rede – desde as “teias da vida” da ecologia até as “redes sociais” da sociologia e antropologia – partem do pressuposto de que não se deve focar nos elementos constitutivos da rede, mas nas conexões entre eles, através de uma perspectiva relacional. Nessa visão, há entendido que qualquer par de elementos conectados desempenhe um papel ativo na formação contínua do outro. Logo, coisas, organismos ou pessoas são mutuamente constitutivos. O problema, para Ingold, é que a metáfora da rede implica que os elementos conectados sejam diferentes das linhas de sua conexão. Logo, não tem como existir reciprocidade sem a separação prévia desses elementos. Ou seja, para que haja relação entre esses elementos, é necessário que cada um esteja fechado em si mesmo antes de sua integração na rede, e isso pressupõe uma “operação de inversão” (INGOLD, 2015, p. 119). Em seu registro:

Desenhar a relação como uma trilha [...] é desfazer essa inversão, e repudiar a distinção, chave para a ideia de rede, entre as coisas e suas relações. As coisas são suas relações. Como a descrição de um organismo, contudo, a linha única expressa uma simplificação grosseira. Nenhum organismo complexo é assim. Em vez disso, as vidas dos organismos geralmente se estendem ao longo não de uma, mas de várias

trilhas, saídas de uma fonte. [...] Organismos e pessoas, então, não são tanto nós em uma rede quanto nós em um tecido de nós, cujos fios constitutivos, conforme se amarram a outros fios, em outros nós, compreendem a malha (INGOLD, 2015, p. 119-120).

Enquanto Latour, através da metáfora da formiga – *ant* em inglês, igual à abreviação de actor-network-theory – afirma que seu projeto consistia em ser um “viajante cego, míope, viciado em trabalho, farejador e gregário. Uma formiga (*ant*) escrevendo para outras formigas” (LATOURE, 2012, p.28), Ingold prefere a metáfora da aranha. Para ele, enquanto as formigas são indivíduos isolados, construtores de montículos, as aranhas são tecelãs de teias, linhas ao longo das quais ela vive e realiza sua percepção e ação no mundo (INGOLD, 2015, p. 147).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propor uma revisão teórica de determinado conceito nunca é uma tarefa óbvia e simples. A escolha da construção argumentativa, dos autores e teorias a serem acionadas e das que serão omitidas é sempre arbitrária e limitada. O conceito de “redes”, hoje extremamente popular, poderia ser apresentado de outra maneira, por outros autores. Mas a opção aqui feita tentou demonstrar, de forma sintética, como a própria perspectiva epistemológica e ontológica da antropologia mudou nas últimas décadas.

Para os antropólogos da “Escola de Manchester”, vimos que a noção de “rede social” surgiu à época como uma grande novidade, capaz de desafiar tanto teórica como metodologicamente o estrutural-funcionalismo encabeçado por Radcliffe-Brown, que produziu etnografias clássicas para a disciplina. A noção de rede para aqueles autores era algo a ser percebido e descrito, sendo que a descoberta e a caracterização das conexões dessas redes, era o objetivo final da investigação antropológica. Ao descortinar as redes sociais que compunham grupos, famílias, sociedades, localizando os indivíduos nelas inseridos e os valores que mantinham os vínculos, aqueles antropólogos foram capazes de apresentar uma realidade social mais

complexa, instável e mutante do que os que os precederam. Entretanto, fugia do escopo daqueles pesquisadores tensionar categorias básicas de construção do pensamento ocidental, como as dicotomias natureza-cultura e sujeito-objeto. Coube a eles a criação de novos mecanismos de percepção das relações sociais, com vistas a captar dimensões até então inacessíveis pelas ferramentas analíticas existentes à época.

Já em Latour a noção de rede tem uma dimensão radicalmente diferente da apresentada pelos britânicos. Longe de ser o que deve ser descrito, a rede para o francês é algo que ajuda a descrever a sociedade. Nessa perspectiva, a Teoria ator-rede, que evidencia tal conceito, constitui uma maneira de tratar a agência existente no mundo, tanto dos humanos como dos não-humanos. Como vimos, para o autor, o que interessa às ciências sociais são as controvérsias, que devem ser estabilizadas momentaneamente para a apreensão da realidade. A noção de rede, portanto, serve para acompanhar os traços deixados pelos atores através dessas controvérsias, não sendo constituída por linhas fortes, mas por traços, que são constantemente redefinidos.

Por fim, vimos que, Tim Ingold, ao invés de tensionar o conceito de rede, opta por implodi-lo, elaborando o conceito de malha. Para este autor, tal mudança não é apenas de denominação, mas de concepção de mundo. Diferente da rede, que produz “nós” quando linhas se cruzam, na malha há apenas rastros. Nesse caso, a produção do conhecimento acontece durante o movimento, sem qualquer tipo de diferenciação de escala ou perspectiva. Na antropologia da vida ingoldiana, a questão central para a disciplina não é epistemológica, mas ontológica. É a própria noção de humano, e de natureza, que é colocada em suspensão.

Apesar de apresentadas cronologicamente, essas diferentes formulações fazem parte de diferentes tradições teóricas, sendo arriscado qualquer tipo de ilação acerca de uma modificação progressiva dessas concepções – mesmo havendo calorosos debates entre elas, sobretudo entre Ingold e Latour. Mas, ao revisitá-las e contrastá-las, fica claro como um mesmo conceito pode ser acionado e formulado de diferentes maneiras, como ele pode ser disputado na construção teórica, e como isso contribui com o adensamento da própria teoria antropológica, que, fazendo jus à

etimologia de seu nome, mostra que para se conhecer o humano é possível ir além da própria definição que fundou tanto a noção de homem como a de cultura, fundamentais até hoje na concepção da disciplina.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARNES, John. Class and Committees in a Norwegian Island Parish. In: BARNES, John. *Models and interpretations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 39-58.
- BARNES, John. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas. Métodos*. São Paulo; Editora UNESP, 2010, p. 237-364.
- BATESON, Gregory. *Steps To An Ecology Of Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- BOTH, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- DELEUZE, Gilles. & GUATTARI, Félix. O que é um conceito? In: Deleuze, Gilles. & Guattari, Félix. *O que é Filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 25-47.
- DUTRA, Rogéria Campos de Almeida. *Família e Redes Sociais: um estudo sobre práticas e estilos alimentares no meio urbano*. (Tese de doutorado). PPGAS, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
- FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas. Métodos*. São Paulo; Editora UNESP, 2010.
- GLUCKMAN, Max. Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas. Métodos*. São Paulo; Editora UNESP, 2010, p. 237-364.
- INGOLD, Tim. Culture, nature, environment: steps to an ecology of life. In: Ingold, T. *The perception of the Environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000, p. 13-26.

- INGOLD, Tim. Rethinking the animate, re-animating thought. *Ethnos*. 7(1): 9-20, 2006.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes antropológicos*. 18 (37): 25-44, 2012.
- INGOLD, Tim. Repensando o animado, reanimando o pensamento. In: INGOLD, Tim. *Estar Vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, p. 115-126.
- INGOLD, Tim. Quando a formiga se encontra com a aranha: teoria social para artrópodes. In: INGOLD, Tim. *Estar Vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, pp.144-152.
- INGOLD, Tim. Contra o espaço: lugar, movimento, conhecimento. In: INGOLD, Tim. *Estar Vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, p. 215-229.
- KUHN, Thomas. “As revoluções como mudanças de concepção de mundo”. In: KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 145-171.
- KUHN, Thomas. *O caminho desde A Estrutura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- LATOUR, Bruno. Ethnography of a ‘high-tech’ case: about Aramis. In: LEMONNIER, Pierre (org.) *Technological Choices: Transformation in Material Cultures Since the Neolithic*. London: Routledge, 1993, p. 372-398.
- LATOUR, Bruno. Gabriel Tarde and the end of the Social. In: JOYCE, Patrick (org.). *The Social in question. New Bearings in History and the Social Sciences*. London: Routledge, 2002, p. 117-132.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA-EDUSC, 2012.

- LAW, John. Actor network theory and material semiotics. In: TURNER, Bryan S. (org.). *The new Blackwell companion to social theory*. West Sussex: Wiley, 2008, p. 141-158.
- LAW, John. *Material Semiotics*. 2019. Disponível em: [www.heterogeneities.net/publications/Law2019MaterialSemiotics.pdf](http://www.heterogeneities.net/publications/Law2019MaterialSemiotics.pdf). Acesso em: 02 jun. 2020.
- MITCHELL, J. Clyde. The concepts and use of social networks. In: MITCHELL J. Clyde (ed). *Social Networks in Urban Situations: Analysis of Personal Relationships in Central African Towns*. Manchester: Manchester University Press, 1969, p. 1- 50.
- VARGAS, Eduardo; LATOUR, Bruno; KARSENTI, Bruno; AÏT-TOUATI, Frédérique; SALMON, Louise. O debate entre Tarde e Durkheim. *Teoria e Sociedade*, 2015, número especial: 28-61.

Texto recebido em 01/04/2020 e aprovado em 22/05/2020